

**RESENHA SEMANAL 8 - 21 A 27/05/2017**

**INDICADORES:** O Boletim Focus desta semana apresentou poucas novidades, com analistas melhorando as previsões para o IPCA e Balança Comercial enquanto as mantiveram para o Dólar, IGP-M, Taxa Selic e PIB. O IPC-Fipe subiu 0,11% na 3ª quadrissesmana/maio, indicando uma desaceleração ante os 0,30% registrados na quadrissesmana anterior. Foi registrado um superávit primário, em abril, de R\$ 12,57 bi, no melhor resultado para o mês em 3 anos, em vista da redução das despesas totais.

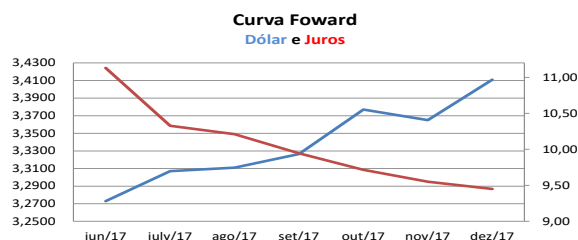
Projeções 2017		
	Anterior	Atual
IPCA	3,93%	3,92%
IGP-M	2,20%	2,20%
Taxa de Câmbio R\$/US\$	3,23	3,23
Taxa Selic	8,50%	8,50%
PIB	0,50%	0,50%

**CENÁRIO INTERNACIONAL:** A agência Moody's rebaixou, pela 1ª vez desde 1989, o rating da China de Aa3 para A1 e mudou a perspectiva da nota de negativa para estável, refletindo a expectativa de que sua força financeira, com a dívida na economia em crescimento, deva sofrer uma decadência nos próximos anos, desacelerando seu potencial crescimento, embora, segundo analistas, seja bastante improvável que este rebaixamento afete a demanda por bens e serviços naquele país. Os mercados internacionais, em geral, apresentaram leve recuo, como reflexo da forte queda nas cotações do petróleo em razão da decisão da OPEP de estender o acordo de redução de produção por apenas 9 meses, na contra-mão das expectativas que apontavam uma ampliação no corte ou um prazo maior para sua renovação. As atenções se voltam, nesta semana, para a reunião do G7 que se realiza na Itália.

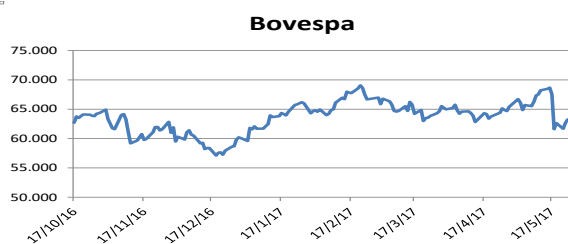
**CENÁRIO NACIONAL:** Investidores seguem atentos aos desdobramentos econômicos e às condutas quanto à aprovação das medidas de ajuste fiscal, trabalhista e previdenciárias, num cenário nacional ainda bastante complicado, com o governo tentando mostrar normalidade, mesmo após o caos instalado em Brasília com as manifestações contra Temer. Frente a isso, às denúncias de corrupção e ao ambiente político desfavorável, a agência S&P colocou em observação negativa o ranking do Brasil, diante de um mercado local com grande volatilidade nos negócios, incertezas econômicas e sem perspectivas em relação aos próximos capítulos na condução da política monetária no país, enquanto empresários mostram preocupação e aumentam pressões para aprovação das reformas, com o intuito de evitar que a crise política neutralize a pequena recuperação econômica registrada nos últimos meses.

**DÓLAR:** Semana sem viés único no exterior, com predominância de baixa. No Brasil, a moeda americana enfrentou alta volatilidade com a suspensão dos leilões de swap do BC e pela busca por ativos mais seguros diante das incertezas domésticas. Mercado externo deve influenciar os negócios locais, sugerindo maior cautela do investidor interno, com cotações devendo permanecer entre R\$ 3,20 e R\$ 3,30 nos próximos dias. O dólar fechou, nesta 6ª feira, cotado a R\$ 3,26, recuando de 1,04%.

**JUROS:** As inseguranças causadas pelos últimos acontecimentos no Brasil fizeram com que as taxas dos principais contratos iniciassem em alta a semana que dividiu os investidores entre notícias de inflação controlada e incertezas domésticas. Nesta sexta feira, as taxas fecharam perto da estabilidade, interrompendo a sequência de quedas registrada das sessões anteriores com a perspectiva de que avanços em algumas pautas no Congresso possam indicar o não comprometimento das reformas estruturais e manter o recuo das taxas de juros futuros. As atenções se voltam, neste momento, para a reunião do COPOM da próxima semana, cujas expectativas do mercado são de que o corte da Selic seja menor que o esperado anteriormente.

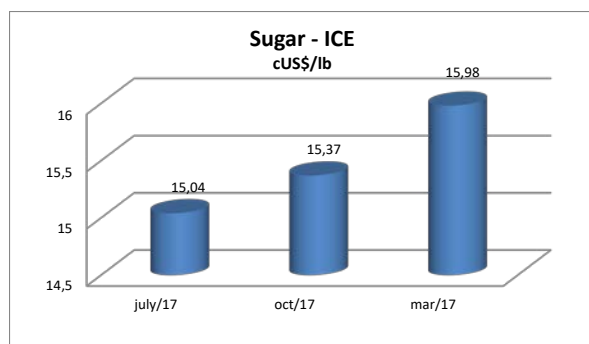


**BOLSAS:** Investidores seguem atentos aos assuntos geopolíticos, dando continuidade, no início da semana, à sequência de altas e recuando em seguida, mostrando cautela em relação à decisão da agência Moody's de rebaixar a nota da China, no aguardo da ata da reunião de política monetária do FED indicando uma postura mais cautelosa em relação aos aumentos futuros dos juros e como reflexo da forte queda nos preços do petróleo em razão da decisão da OPEP quanto a prorrogação do acordo de redução da produção. No Brasil, o mercado continua monitorando os assuntos relacionados ao avanço das medidas fiscais. O Ibovespa fechou nesta 6ª feira em alta de 2,31%.

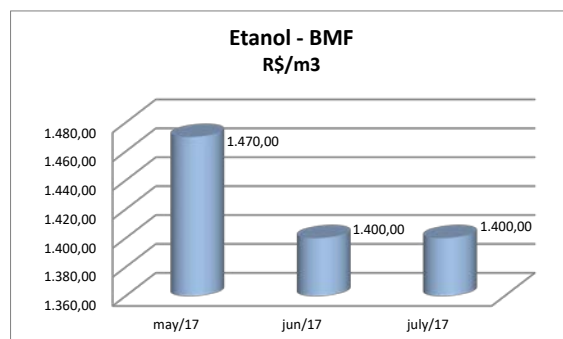


**CANA DE AÇÚCAR:** As chuvas que atingem as regiões produtoras do Centro-Sul brasileiro devem continuar até o início de junho, prejudicando o início da safra e podendo acarretar numa redução na moagem e diminuição do mix de açúcar das usinas, além de interferir negativamente no cronograma das exportações. Apesar disso, contrariando as previsões, produtores esperam uma safra lucrativa, com expectativa de uma moagem de 585 milhões de ton, indicando uma queda de mais de 22 milhões de ton ante a safra passada, com redução de cerca de 1,5% na área plantada, embora no Noroeste paulista a colheita deva ser até 10% maior.

**AÇÚCAR:** Nesta semana, alegando prejuízo da indústria local, a China, maior importadora mundial do produto, praticamente dobrou seu imposto de importação, elevando de 50% para 95% a taxa sobre compras externas acima de 1,95 milhão de ton/ano, embora permanecendo em 15% para cotas menores. A produção chinesa alcança apenas menos da metade da demanda interna, o que faz com que os preços no país sejam o dobro daqueles praticados globalmente. No mercado internacional os preços se mostram ainda sem sustentação, com dificuldade em ultrapassar a barreira dos 16 cUS\$/lb.

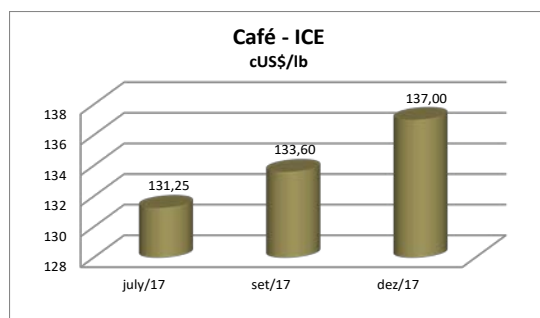


**ETANOL:** Pela 1ª vez nesta safra, o etanol hidratado fica mais competitivo que a gasolina. O forte recuo das cotações nas usinas, ainda tem pouco reflexo nas bombas, mas é suficiente para apontar um aumento de competitividade, com a relação etanol x gasolina tendo chegado a 69,6% em São Paulo. Apesar disso, segundo a UNICA, as vendas no mercado interno vêm derrapando e apresentando uma queda de 10% em relação ao mesmo período do ano passado.

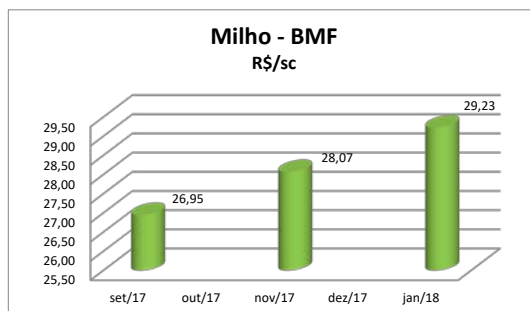


**COMBUSTÍVEIS:** A Petrobras anunciou, nesta 5ª feira, uma redução 5,4% nos preços médios da gasolina e de 3,5% nos do diesel, nas refinarias, em razão, principalmente, do significativo aumento das importações no último mês, obrigando, conforme a estatal, a ajustes de competitividade no mercado interno e projetando um recuo no preço ao consumidor final, em média, de 2,2% para o diesel e de 2,4% para a gasolina. Ainda segundo a empresa, a importação de gasolina para o mercado interno aumentou de 240 mil m³ em fevereiro para 419 mil m³ em abril e, de diesel, de 564 mil m³ para 811 mil m³ e sinalizou que pode rever os preços dos combustíveis com uma frequência maior do que vem realizando.

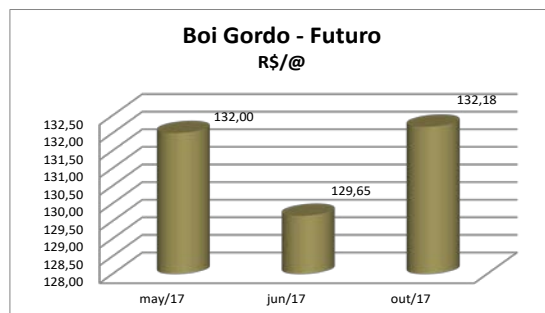
**CAFÉ:** A produção de café arábica do Sul de Minas tem sofrido com fortes chuvas, diminuindo o volume a ser colhido, perdendo qualidade e trazendo mais prejuízos para os produtores que realizaram negócios antecipados e deixando em situação pior os que deixaram para vender agora. As previsões apontam para uma trégua nas chuvas, embora o clima ainda seja o alvo das atenções dos cafeicultores, tendo em vista que a boa qualidade do seu produto faz a diferença na sua renda final. Em NY, foram registradas seguidas quedas e contratos rompendo o suporte entre 125/128,65 cUS\$/lb, testando níveis mais baixos, com fundos atuando em vendas especulativas e o comportamento do dólar pressionando as cotações. Nem mesmo o anúncio de uma leve quebra da produção vietnamita foi suficiente para a alta dos preços.



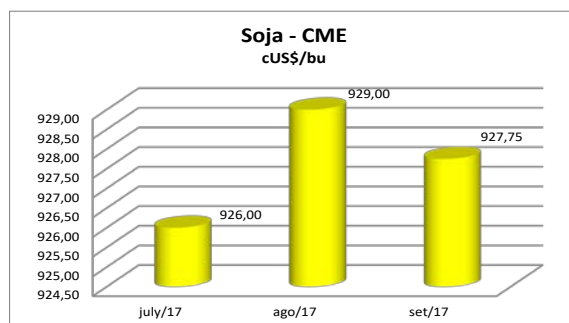
**MILHO:** Mesmo com a realização de leilões pela CONAB, que travaram as negociações nesta semana no MT, a comercialização seguiu lenta, com os produtores e compradores, aguardando um cenário mais definido, negociando preço e prazos de entrega da safrinha ainda a ser colhida. No mercado interno, os preços não se mantêm devido à alta oferta do produto e as exportações podem ser encaradas como uma alternativa para uma sustentação nas cotações. O USDA informou que, no início da semana, 84% da área prevista havia sido semeada, se equiparando a 2016 e abaixo da média dos últimos 5 anos.



**BOI:** Mercado apresentando muita especulação por conta da crise na JBS, com pecuaristas receosos com uma provável inadimplência, temendo vender a prazo para a empresa e, mesmo nos negócios já firmados, tem alternado seus contratos para pagamento à vista, embora com juros ou multas, para se certificar de receber os valores acordados. Na busca, pelos produtores, de negócios mais seguros, frigoríficos menores já começam a ocupar o espaço deixado pela JBS, que, se continuar assim vai ter que fechar unidades ou dar férias coletivas aos seus funcionários.



**SOJA:** A China, maior importador global, aumentou, em abril, suas importações da soja brasileira em 27,7%, alcançando 6,15 milhões de ton e diminuiu em 12% suas compras nos EUA, na comparação anual, com o Brasil antecipando a colheita e os embarques da oleaginosa em 2017. No acumulado do ano, o país asiático importou 8,8 milhões de ton do Brasil e 17,2 milhões de ton dos EUA, representando um avanço de 27% e 13,8%, respectivamente. Nesta semana, num mercado doméstico sem novidades, com a alta do dólar, cotações estáveis em Chicago e números apontando para o plantio dentro da média, as negociações foram pontuais, pronta entrega, especialmente para produtores quitarem dívidas.



*OBS: Dados coletados até as 16:00 hrs do dia de fechamento da edição/Esta resenha foi elaborada pela CW Análises para uso exclusivo do destinatário. As informações contidas nesta resenha são consideradas confiáveis na data na qual foi publicada. Entretanto, as informações aqui contidas não representam, por parte da CW Análises, garantia de exatidão ou julgamento sobre a qualidade das mesmas, e não devem ser consideradas como tal. As opiniões contidas aqui são baseadas em estimativas, estando, portanto, sujeitas a alterações.*